



José Roberto Nassar*

A China hoje é o Brasil de 1970

Os brasileiros estão com saudades do milagre dos anos 70. Naquele tempo, sim, a economia crescia livremente a 10% e o PIB batia recordes sucessivos. Hoje, perdemos de capote para China, Índia, Rússia, até para a América Latina, pasmem. Só ganhamos do Haiti, para aflição das boas almas.

É tudo verdade e seria magnífico se aquela febre pudesse voltar o mais rápido possível. Mas é melhor esquecer. O milagre não volta já, nem com o ânimo salvacionista de Lula, nem com as fórmulas gerenciais de Alckmin. É mais razoável pensar que, até onde a vista alcança, vamos ter de nos conformar com um crescimento de 3% a 4%, e ainda assim se tudo correr direitinho aqui e lá fora, se a "aversão ao risco" ficar quietinha, se nenhum emergente quebrar, etc.

Diagnósticos não faltam. Nos últimos tempos, ouvimos permanentemente falar de carga tributária, juros escorchantes (que assustam o empreendedor e assombram a dívida pública), déficit público, câmbio, educação deficiente, pesquisa tecnológica rarefeita, "gargalos" da infra-estrutura, ambiente de negócios às vezes não amigável. O ex-ministro Reis Velloso acaba de distribuir, por sinal, um alentado volume oportunamente batizado de "Por que o Brasil não é um país de alto crescimento?", que reproduz os anais de seu mais recente Fórum Nacional.

Tudo isso faz parte do pecado, e seu enfrentamento ajudaria a economia a ganhar um ou outro ponto. Há uma questão, porém, que vem sendo esquecida. Quem vê a PIB da China crescendo a 10% sonha com um oceano de

investimentos e acaba fazendo comparações desarrazoadas. A montanha de dinheiro que, temido para lá desde o início dos anos 90, está desbravando terras virgens, encontra fronteiras inéditas. Havia (e há) tudo por fazer. Esse é o investimento "green field", na expressão de Octávio de Barros, economista-chefe do Bradesco, que vem se debruçando sobre o tema.

No Brasil essa experiência já aconteceu antes, principalmente nas décadas de 1950 e 1970 e uma beirada na de 1980. Também já crescemos mais que o mundo. A malvista (por alguns, ainda hoje) substituição de importações nos trouxe, de Getúlio a JK e Geisel, energia, siderurgia, indústria automotiva, papel, cimento, alumínio e tantos outros insumos e um bocadinho de bens de capital. Quem não se lembra dos PND liderados pelo próprio Reis Velloso?

É uma base instalada que precisa estar em constante evolução e tem de abrir os olhos para o mundo novo de TI? Claro. Mas está aí e já compõe, junto com o agronegócio e o moderno setor de serviços, uma teia bem razoável. Vamos ficar, portanto, com o que Barros chama de investimento "brown field" — ampliações, modernização, avanços verdadeiramente novos, mas "episódicos". Realista, Barros diz que a China é hoje o Brasil dos anos 1950/70. Outros insistem nas comparações. Outros ainda lembram, com alguma tolerância, que ambos os milagres associam-se a ditaduras. Deste ponto de vista, melhor não pensar em milagres.

*Coordenador Editorial de E-mail: jrassar@gazetamerc